

GAZETA MERCANTIL

As soluções de Rischbieter

por Valério Fabris
de Curitiba

A solução dos problemas nacionais advirá da própria sociedade, através da prática do exercício democrático, com os vários grupos pressionando pelo atendimento de suas reivindicações. Foi o que deixou claro, ontem, o ex-ministro da Fazenda, Karlos Rischbieter, ao citar, concretamente, a atuação da Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP), através do seu presidente, Luiz Eulálio de Bueno Vidigal Filho.

Entende também que Luiz Inácio da Silva, o Lula, é inegavelmente uma voz representativa da classe trabalhadora. "Os estudantes também estão tendo voz. Cabe-nos continuar este processo", disse Rischbieter. Embora reitere que falte aos partidos da oposição um projeto do que pretendem para o País, ponderou que há neles homens de grande capacidade, nominando o ex-prefeito de São Paulo, Olavo Setúbal, atualmente presidente do PP paulista.

A crise energética e, consequentemente, a crise econômica tem sido, a seu ver, de extrema valia como fator de reflexão para que a sociedade examine as suas vulnerabilidades e para que busque as correções. O choque do petróleo antecipou problemas que eclodiriam mais tarde, razão pela qual acha, do mesmo modo, que pensa o ex-ministro da Indústria e Comércio, Severo Gomes, que o "oil shock" foi positivo pois trouxe à tona problemas que estavam latentes.

Rischbieter considera que as metas econômicas do governo, para este ano, não estão suficientemente claras, trazendo "enormes dificuldades" para que os empresários elaborem os seus orçamentos. Indicou a falta de regras de desvalorização cambial como um dos focos de insegurança do empresário. "A linha geral da política econômica está definida, mas faltam algumas regras. Evidentemente, o governo não tem de dizer, como disse no ano passado, qual será a desvalorização cambial. Precisa, no entanto, definir os critérios."

Suprimir essas dúvidas, de acordo com Rischbieter, é uma tarefa que cabe, pri-

mordialmente, aos próprios empresários, através de pressão dos seus órgãos de classe. Não há, na sua opinião, possibilidade de se fixar um modelo para a Nação sem que ele seja negociado com a sociedade. E, nesses termos, ele coloca até mesmo as diretrizes econômicas do presidente Figueiredo, onde se proclama a necessidade de se distribuírem os resultados do crescimento econômico. Mas, conforme destacou, as diretrizes do presidente da República são apenas uma moldura. É necessário, como salientou, que este crescimento seja distribuído "democraticamente", mas não se nota grande esforço neste sentido."

Rischbieter fez questão de repetir que o seu relatório, que acabou por se tornar a gênese do processo que o conduziu à renúncia do Ministério da Fazenda,

não deve ser olhado literalmente, discutindo-se se o déficit da balança comercial foi indicado em US\$ 3 bilhões ou em US\$ 4 bilhões. O que mais importa, no relatório, como acrescentou Rischbieter, é a atitude, a sua linha de pensamento.

A entrevista que concedeu à revista Veja não teve o objetivo de "levantar polêmica" com o ministro do Planejamento, mas, unicamente, "mostrar o que penso para aqueles que ainda não me conhecem". O fato de estar fora do governo, como assinalou, não o isenta de continuar a ter preocupação quanto aos problemas nacionais. "Delfim está com um problema sério. Ele tem de resolvê-lo. Não só o Delfim, mas toda a sociedade. A minha angústia não é em relação ao acerto das medidas, é sobre a velocidade em que as coisas estão acontecendo".

SOBRETAXA